

Aprendendo a conviver com os tubarões: Relações entre humanos e não humanos no arquipélago de Fernando de Noronha (BRA).<sup>1</sup>

Rayana Mendonça do Nascimento (PPGA/UFPE -PERNAMBUCO)

**Resumo:** Em 2015 ocorreu o primeiro ataque de tubarão no arquipélago de Fernando de Noronha, uma das maiores reservas marinhas do Brasil, que faz parte de Pernambuco, estado com o maior número de ataques de tubarões registrados. No ataque que ocorreu na Baía do Sueste, o turista estava realizando um mergulho quando foi mordido, perdendo a mão e parte do antebraço direito. Um ano depois, outro turista foi atacado por um tubarão na Praia do Leão, obtendo um ferimento superficial na perna. Outros dois incidentes entre turistas e o animal selvagem foram registrados nos anos decorrentes, um no ano de 2017 quando uma turista retirou um filhote de tubarão-limão do mar para fazer fotos e vídeos com o animal, ela levou uma mordida na mão e no início de 2018, um surfista de vinte anos que visitava o arquipélago, caiu encima de um tubarão ao se desequilibrar da prancha e levou quinze pontos no braço. Os especialistas e pesquisadores do Instituto Tubarões e do Instituto Chico Mendes da Biodiversidade (ICMBio), acreditam que o crescimento do número de turistas e surfistas que visitam a ilha é tido como o principal fator para a propensão de ataques e incidentes com os tubarões. A partir de uma perspectiva antropológica dessa recente relação entre os humanos e os animais não humanos, essa pesquisa tem como objetivo analisar a agência dos sujeitos, isto é, turistas, surfistas e tubarões, e as transformações culturais e econômicas decorrentes desse convívio no arquipélago de Fernando de Noronha.

**Palavras-chave:** Relação; Humano; Tubarão

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

## 1. Introdução

Quem caminha pelas orlas das praias urbanas de Pernambuco se depara com várias placas avisando que aquelas áreas são sujeitas a ataques<sup>2</sup> de tubarões, as placas já viraram até ponto turístico. Pernambuco, nos últimos vinte cinco anos, se tornou famoso pelos diversos ataques de tubarões e por uma geração que não toma banho de mar na Região Metropolitana do Recife, capital do estado.



Placas com os avisos de perigo na orla de Boa Viagem, Recife –PE.

A contagem de vítimas começou a ser feita em 1992, época em que os ataques começaram a ser mais recorrentes no estado. A partir disso, iniciaram-se campanhas de educação e conscientização da população, sendo a prática do surfe proibida nessas áreas de risco conforme o decreto sancionado em 1999. Além do surf, o decreto proíbe o bodyboarding e atividades náuticas similares. Já em 2014, um novo decreto publicado no Diário Oficial da União, aumentou as restrições. Atualmente, estão impedidas as práticas de esportes aquáticos de mergulho, natação e atividades náuticas ou aquáticas similares nas áreas de risco, quem desobedecer aos salva-vidas ou sinalizações estão sujeitos a multas. Porém, na prática, não há uma fiscalização efetiva, e com exceção do surf os demais esportes continuam sendo desempenhados nas praias sinalizadas.

---

<sup>2</sup>Ataque é um termo utilizado nas placas sinalizadoras localizadas na orla pernambucana. Pesquisadores e órgãos oficiais utilizam o termo incidente.

De acordo com o Comitê Estadual de Monitoramento de Incidentes com Tubarão (CEMIT- PE), instituído através do decreto estadual nº 26.729 em 2004, em pouco mais de duas décadas foram registrados sessenta e cinco ataques em todo o estado, oficialmente, onde vinte e cinco vítimas faleceram (Pernambuco ocupa a primeira posição a nível mundial de óbitos decorrentes de ataque de tubarão) número que pode ser maior devido ao número de subnotificações. Desses ataques, três foram registrados no Arquipélago de Fernando de Noronha, sendo o primeiro ataque na ilha reportado em 2015<sup>3</sup>.

O Arquipélago de Fernando de Noronha é formado por vinte e uma ilhas, mas apenas uma delas é habitada e tem o mesmo nome do arquipélago. As demais vinte ilhas só podem ser visitadas com autorização do IBAMA.



Ilha de Fernando de Noronha/PE (BRA)

A ilha de Fernando de Noronha durante 201 anos abrigou um presídio. Apenas em 1897 Pernambuco tomou posse da ilha e o presídio passou a ser estadual. Em 1938 os presos foram transferidos para o Recife, ficando na ilha apenas os presos políticos. No ano de 1942, a ilha se transformou em um território federal, sendo administrada pelas forças armadas. Em 1988, o arquipélago se tornou um Parque Nacional Marinho e

---

<sup>3</sup>Dados atualizados pelo CEMIT em junho de 2018: <[http://www.portaisgoverno.pe.gov.br/c/document\\_library/get\\_file?uuid=3f34ca69-2069-44f9-9c4b-c0f2e64fb27d&groupId=124015](http://www.portaisgoverno.pe.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=3f34ca69-2069-44f9-9c4b-c0f2e64fb27d&groupId=124015)>Acessado em 06.09.2018.

voltou a fazer parte do estado de Pernambuco, recebendo o título de Patrimônio Natural da Humanidade em 2001<sup>4</sup>.

Sendo um dos principais pontos turísticos do Brasil, A ilha de Fernando de Noronha vem recebendo cada vez mais visitantes ano após ano. No ano de 2017, recebeu 94.151 turistas de acordo com a Administração de Fernando de Noronha, perdendo em números de turistas a nível nacional apenas para o estado de São Paulo<sup>5</sup>. Conhecida por sua água transparente em tom de esmeralda e paisagens belíssimas, a ilha também se tornou um refúgio para o turismo de pessoas famosas que a visitam constantemente e, por conta disso, suas belas praias estão estampadas em manchetes de todo o país. Essa demanda no turismo da ilha permitiu que o Governo do Estado de Pernambuco investisse em voos diretos para a ilha, facilitando o acesso dos turistas.

Até o ano de 2015, não havia casos oficialmente registrados de ataques de tubarão a humanos em Fernando de Noronha. Especialistas acreditam que esse crescimento no número de turistas e surfistas que visitam a ilha é tido como o principal fator para o índice de aumento de ataques e incidentes com os tubarões. A partir desses casos, a relação entre os moradores (que se auto denominam nativos), turistas e surfistas foram resignificadas.

Há poucos trabalhos no campo das Ciências Humanas que tratam dessa relação entre os humanos e os animais selvagens a nível mundial. As pesquisas no geral são voltadas para a área da Biologia ou Ciências da Natureza. Na Antropologia, o interesse em relações interespecíficas, relações entre humanos e não humanos vem crescendo nas pesquisas realizadas a partir dos anos 90, porém, em grande parte voltada para o contexto indígena ou para o urbano, no que se refere aos animais de estimação (VIVEIROS DE CASTRO, 2002; DESCOLA, 1998:2001; SEGATA, 2012).

Philippe Descola (2011) explica a importância desse assunto dentro da Antropologia:

“A Antropologia de hoje, ao contrário, deve ir além do humano. O ser humano sozinho não lhe basta mais. Porque natureza e cultura são uma só coisa. Sociedade e meio ambiente, uma só casa. As neurociências, a etologia, a genética, a ecologia falam claramente. Nós, bípedes, com o dom da palavra, não somos o umbigo do mundo, mas sim parte da vida, quer gostemos ou não. O fato é que os homens

---

<sup>4</sup>NASCIMENTO, Grazielle Rodrigues do. No Tempo dos Loronhas se Erguia uma Ilha-Presídio no Atlântico (1504-1800).Revista Crítica Histórica. Ano I, Nº 1, Junho/2010.

<sup>5</sup> Disponível em:<<http://g1.globo.com/pernambuco/blog/viver-noronha/post/fluxo-turistico-cresceu-324-em-fernando-de-noronha-no-ano-de-2017.html>> Acessado em 10.10.18.

não estão sozinhos no palco da humanidade. E o resto, aquilo que normalmente se chama de natureza ou meio ambiente, não é propriedade nossa, nem uma projeção nossa, muito menos um simples recurso à disposição do nosso desenvolvimento.”<sup>6</sup>

A partir de uma perspectiva antropológica da relação entre os humanos e os animais não humanos, esse artigo tem como objetivo analisar a agência dos sujeitos, isto é, turistas, surfistas e tubarões, e as transformações culturais e econômicas decorrentes desse convívio no Arquipélago de Fernando de Noronha.

## **2. Relação entre humanos e tubarões em Fernando de Noronha**

O convívio entre os moradores de Fernando de Noronha e os animais marinhos sempre fez parte do cotidiano local, já que os animais podem ser observados em vários pontos da ilha e muitas espécies chegam bem próximas às praias, por exemplo, os tubarões das espécies lixa (*Ginglymostomacirratum*) e limão (*Negaprionbrevirostris*). As espécies mais comuns da ilha, encontram tranquilidade para iniciar o seu ciclo reprodutivo nas áreas costeiras. Sobre esse convívio, Bruno Latour (2012) afirma que na sociedade moderna há a proliferação de híbridos, sendo assim, os animais representam partes inerentes de nosso modo de vida, que vivem concomitantemente conosco, não somente sendo passivos, mas também sendo sujeitos dessas relações. Os Não humanos são vistos como atores e não como meras questões simbólicas. Para Latour (1994: 2012) todos os não humanos são atores sociais que se relacionam com outros atores.

Em 2015 ocorreu o primeiro ataque registrado com tubarões no arquipélago de Fernando de Noronha, único Patrimônio Marinho do Brasil, segundo a Unesco, que faz parte de Pernambuco, estado com o maior número de ataques de tubarões registrados no Brasil. No ataque que ocorreu na Baía do Sueste, o turista estava realizando um mergulho quando foi mordido pelo animal, perdendo a mão e parte do antebraço direito. Um ano depois, em 2016, outro turista foi atacado por um tubarão na Praia do Leão, obtendo um ferimento superficial na panturrilha esquerda.

No ano de 2017, uma turista retirou um filhote de tubarão-limão do mar para fazer fotos e vídeos com o animal, ela levou uma mordida na mão, mas esse caso não faz parte das estatísticas de incidentes do CEMIT, já que a turista cometeu um crime

---

<sup>6</sup>Entrevista disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/46229-animais-plantas-natureza-os-direitos-do-meio-ambiente-entrevista-com-philippe-descola>> Acessado em 08.09.2018.

retirando o animal do seu habitat. No início de 2018, um surfista de vinte anos que visitava o arquipélago, caiu em cima de um tubarão ao se desequilibrar da prancha e levou quinze pontos no braço.

Em relação aos casos ocorridos em Fernando de Noronha, os mesmos são observados e analisados de perto pelo Instituto Chico Mendes da Biodiversidade (ICMBio) e pelos pesquisadores e curadores do Museu dos Tubarões localizado na ilha.

O Museu dos Tubarões tem como objetivo preservar o animal, a partir de informações sobre as espécies de tubarões (não só as que vivem em Fernando de Noronha) e de desmistificar a ideia de que o tubarão é um animal terrível, uma questão importante para a compreensão das relações entre o humano e o selvagem. O acervo do Museu foi construído a partir de uma prospecção pesqueira por cerca de cinco anos, para identificar as espécies que vivem na ilha. Estão expostas de arcadas dentárias das espécies de tubarões comuns no arquipélago até joias elaboradas com dentes menores e esculturas estilizadas. Ele também possui uma loja com objetos que remetem aos tubarões e um restaurante.

As diversas formas de relações interespecíficas entre o animal selvagem, o tubarão, e o humano no contexto urbano de Fernando de Noronha, sugerem algumas perguntas: Até onde essa relação entre os moradores e os tubarões é natural e pacífica? Já que todos os incidentes registrados entre tubarões e humanos na ilha de Fernando de Noronha foram com turistas, como se dá essa relação? Em busca de responder essas perguntas foram realizadas entrevistas com os moradores, surfistas e turistas em Fernando de Noronha e uma revisão bibliográfica das teorias antropológicas que tratam desse assunto.

Repensar as relações interespecíficas entre humanos e animais nos trabalhos antropológicos, trouxe a luz um debate necessário sobre a desconstrução da dicotomia ocidental estabelecida entre natureza e cultura, natureza e sociedade na prática etnográfica (INGOLD, 1994 [1987], 1995; LATOUR, 1994; HARAWAY, 1991; STRATHERN, 2012; DESCOLA & PALSSON, 2001).

Para entender esse processo que é fundamental para esse trabalho, é importante compreender do que se trata essa linha divisória que separa o que pertence ao mundo natural do que pertence ao mundo cultural.

Lévi- Strauss (1982) dedicou um capítulo da sua obra “Formas Elementares do Parentesco” para explicar a dicotomia entre o estado de natureza e o estado de cultura. Ao analisar os macacos, ele afirma que os mesmos não podem se tornarem humanos, pois entre eles não há a proibição do incesto que para o autor é o que marca a passagem do estado de natureza para o estado de cultura. Somente os humanos podem agir de acordo com as normas.

Nessa perspectiva, o animal (não humano) participa da relação interespecífica com o humano a partir de uma simbologia. A representação do animal nessa relação surge da visão antropocrista do humano onde cada animal será descrito a partir da visão sociocultural que o humano tem sobre ele, isso faz do humano um “observador privilegiado de um universo não humano” (LEACH, 1982, pág. 87). Outra corrente da Antropologia que vem surgindo ao passar dos anos defende que é necessário repensar essa distinção entre o mundo humano e o não humano, explorando de diferentes modos a participação dos animais nas relações como agentes, além disso, há também autores que defendem a legitimidade das duas visões:

“O que se sugere aqui, então, é que não é necessário escolher, nas análises antropológicas, entre tomar o animal como signo ou símbolo e como ator: eles sempre são as duas coisas ao mesmo tempo. Se os animais são bons para conviver – como perceberam os estudos humanos-animais mais recentes – eles certamente não deixaram de ser bons para pensar ou significar.” (VANDER VELDEN, 2015, pág.9)

Para alguns animais é dado mais intencionalidade e razão que para outros. Quanto mais distante do homem (humanidade), mais perto da animalidade ele vai estar, esse é o caso dos animais selvagens (INGOLD, 1995). Ao falar de tubarão, isso se torna um pouco contraditório, pois ao dizer que um tubarão é “mau” porque ocasiona essa gama de incidentes, por exemplo, estou assim lhe dando uma característica de humanidade. Por outro lado e ao mesmo tempo, o tubarão reforça a fronteira entre humanos e animais, pois não nos comparamos e nem encontramos semelhanças entre humanos e tubarões. De fato, ele está muito distante de nós por sua natureza tão distinta e as vezes indomável.

Para um maior entendimento da relação interespecífica entre os moradores e os tubarões e dessa nova relação entre os turistas e o animal selvagem, após o primeiro

incidente registrado na ilha de Fernando de Noronha, é importante entender as entidades heterogêneas que remontam a humanos e não humanos, conectados no que o senso comum chama de vínculo social (LATOURE, 2012). Apesar de trabalhar mais com objeto técnico e sua perspectiva se diferenciar de Ingold, Latour afirma que tanto os humanos como os não humanos possuem agência, “quanto mais pensadores radicais insistem em atrair a atenção para os humanos nas margens e na periferia, menos citam os objetos” (LATOURE, 2012, p. 111).

Para D. Maria, moradora de Noronha desde 1995, a relação dos nativos com o animal não mudou a partir do primeiro ataque registrado oficialmente em 2015, diferente do que aconteceu com os turistas:

**D. Maria:** "Sempre foi normal tomar banho de mar e encontrar tubarão. Assim como tartaruga, arraia e golfinho. Pra nós num tem diferença. Quando a gente entra no mar é a casa deles né? [...] Continuo entrando no mar do mesmo jeito e o tubarão passa por mim do mesmo jeito. O que acontece é que os turistas quer tirar foto, passar a mão no bicho, aí ta errado né? Antigamente a primeira pergunta que faziam pra gente era em que praia podia encontrar tubarão, agora eles querem saber onde não tem tubarão...[risos]" (Entrevista, 2018).

A fala de D. Maria é reveladora. Nos três ataques que ocorreram em Fernando de Noronha, todos foram com turistas e a maior mudança na relação com os tubarões foram exatamente deles. Na Baía do Sueste onde já houve um ataque registrado é normal a presença de tubarões na área rasa do mar, principalmente no fim da tarde. Por fazer parte da área de proteção, a praia fecha as 16h, mas mesmo antes desse horário é possível ver um grande número de turistas que não entram no mar por medo do animal.



Filhote de tubarão-limão na área rasa da Baía do Sueste, Ilha de Fernando de Noronha (PE)

Porém não significa que houve uma diminuição no número de turistas que visitam a Ilha. Na verdade, esse número até cresceu. A turista Ana, que estava visitando Fernando de Noronha pela primeira vez explica:

**Ana:** "Antes de vir procurei saber dos ataques e vi que eles foram por culpa das pessoas e não do animal. Eu tenho medo de mergulhar e encontrar um, mas gosto de ficar na areia procurando ver um [aponta pro mar]. E aqui tem muitos passeios de barco e muitos animais pra ver [...] muitas praias lindas, tenho certeza que esses ataques não influenciam os turistas a vir ou não pra cá, na verdade acho que aumenta a nossa curiosidade...[...]"(Entrevista, 2018).

Essa curiosidade se estende aos surfistas. No início do ano, entre os meses de fevereiro e abril, é possível ver nas praias do Arquipélago o fenômeno da natureza denominado "Arrufo", que ocorre a partir da concentração de sardinhas próximo ao litoral, o que faz com que os tubarões se aproximem e as cerquem para se alimentar. Mesmo com um grande número de tubarões no mar se alimentando das sardinhas, os surfistas vão atrás das ondas sem se importar com a presença desses animais. O surfista Luiz explica:

**Luiz:** "Com os tuba por perto a adrenalina é muito maior. Eu sei que eles não vão vir atrás de mim porque já estão matando a fome com as sardinhas. Pegar uma onda e passar ao lado deles é incrível. Não dá medo. É massa [risos]" (Entrevista, 2018).

A partir desses relatos é possível verificar a transformação na relação dos turistas com os tubarões no que diz respeito a antes e depois dos ataques e de como o animal possui agência na convivência diária com os moradores, sendo parte integrante do contexto urbano da Ilha de Fernando de Noronha.

### 3. Conclusão

Essa análise das relações interespecíficas observadas em Fernando de Noronha entre o humano e o não humano (tubarão), permitiu compreender o contexto em que os significados dessa relação foi construída e que os tubarões estão presentes, direta ou indiretamente, na vida diária dos moradores, surfistas e turistas (no período em que estão no Arquipélago) sendo parte integrante da rede simbólica e não só isso, mas que o tubarão também possui agência na prática desse grupo, sendo assim um análise cara a Antropologia.

Assim como houve uma mudança no comportamento dos turistas a partir da eminência do risco ao entrar no mar, também houve uma mudança no comportamento dos tubarões devido a várias ações humanas em seu habitat, A resignificação dessa relação dá um novo sentido à categoria de risco perante o animal, tornando-se historicamente e culturalmente construída.

Sendo assim, a convivência entre humanos e tubarões baseia-se no vínculo social (Latour, 2012), onde há uma relação direta entre o humano e o animal a partir do encontro (ataque ou não) e indireta (no caso dos turistas, ele é o motivo para em determinados casos não entrarem no mar), sendo o tubarão parte integrante e agente do dia a dia dos humanos na ilha, participando diretamente das construções culturais de Fernando de Noronha.

## Bibliografia

DESCOLA, Philippe & PALSSON, Gísli. *Naturaleza y sociedad. Perspectivas antropológicas*. México: Siglo Veintiuno, 2001.

DESCOLA, Philippe. As duas naturezas de Lévi-Strauss. *Sociologia & Antropologia* v.01.02: 35 – 51, 2011.

\_\_\_\_\_. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. *MANA* 4(1):23-45, 1998.

HARAWAY, Donna J.: *Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature*, New York, Routledge, 1991.

INGOLD, Tim. 2000. *The Perception of the Environment: Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*. London: Routledge.

\_\_\_\_\_. A evolução da sociedade. In: FABIAN, A. C. (Org.). *Evolução: sociedade, ciência e universo*. Bauru: Edusc, 2003. p. 107-131.

\_\_\_\_\_. 1994. *Humanidade e Animalidade*. Tradução: Vera Pereira. *Companion Encyclopedia of Anthropology*, Londres, Routledge

\_\_\_\_\_. An anthropologist looks at biology. *Man: New Series*, v. 25, n. 2, p. 208-229, 1990.

\_\_\_\_\_. O que é o animal. *Antropolítica: revista contemporânea de antropologia*. Nº 01. V. 23, 1995.

\_\_\_\_\_. Sobre A Distinção Entre Evolução e História. *Antropolítica* n. 20, 2006.

\_\_\_\_\_. Beyond biology and culture. The meaning of evolution in a relational world. *Social Anthropology*, v. 12, n. 2, p. 209-221, 2004.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaios de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34 Ltda, 1994.

\_\_\_\_\_. *Reagregando o social: uma introdução à teoria Ator-Rede*. Salvador: Edufba; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

LEACH, E.R. Social Anthropology. Londres, Fontana, 1982.

LÉVI-STRAUSS, Claude. As estruturas elementares do parentesco; tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis, Vozes, 1982.

NASCIMENTO, Grazielle Rodrigues do. No Tempo dos Loronhas se Erguia uma Ilha- Presídio no Atlântico (1504-1800).Revista Crítica Histórica.Ano I, Nº 1, Junho/2010.

SEGATA, Jean. Nós e os outros humanos, os animais de estimação. (Tese de doutorado). Florianópolis: PPGAS-UFSC, 2012.

STRATHERN, Marilyn. O efeito etnográfico e outros ensaios. São Paulo: Cosac & Naif, 2014.

VANDER VELDEN, Felipe. Apresentação ao Dossiê. R@U, 7 (1), jan./jun. 2015: 7-16.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A Inconstância da Alma selvagem: e outros ensaios antropológicos. São Paulo: Cosac &Naify, 2002.

\_\_\_\_\_. 2002. O nativo relativo. Mana, Rio de Janeiro, v.08, n. 01.